

O PRINCÍPIO RESPONSABILIDADE: ENSAIO DE UMA ÉTICA PARA A CIVILIZAÇÃO TECNOLÓGICA

JONAS, Hans. O princípio responsabilidade: Ensaio de uma ética para a civilização tecnológica. Tradução do original alemão Marijane Lisboa, Luiz Barros Montez. Rio de Janeiro: Contraponto, Ed. PUC-RJ, 2006.

Rodrigo Barchi
Mestre em Educação pela Uniso
E-mail: rbarchicore@zipmail.com.br

Publicado na Alemanha em 1979, esse livro foi lançado no Brasil com 27 anos de atraso. Mas não é por esse fato que deixa de ser atual e tenha recomendação obrigatória no debate sobre os conceitos de ética, meio ambiente e futuro.

Em “O Princípio Responsabilidade: ensaio de uma ética para uma ética para a civilização tecnológica” - lançado pela Editora Contraponto e Editora PUC-Rio, com tradução de Marijane Lisboa e Luiz Barros Montez, Hans Jonas trata justamente da preocupação que envolve as possibilidades da continuidade da permanência da raça humana no planeta.

É a partir da previsão do perigo e do medo que Jonas trabalha, durante todo o livro, para montar o conceito de responsabilidade como o princípio básico de uma ética humana que tenha como principal meta a preservação do futuro, como cuidado direto do ser humano para com o ser humano (inclusive, falando singularmente, consigo próprio).

Que tem como imperativo o fato de que não podemos escolher a existência das novas gerações. A possibilidade de arriscar a própria vida, para Jonas, não dá o direito de os seres humanos contemporâneos arriscarem a continuidade da humanidade.

Mas por que não há esse direito?

Para ele, é pelo fato no qual, se temos o direito de trazer ao mundo seres como nós, é nosso dever sermos vigilantes quanto ao futuro desses seres.

Aqui, Jonas enfrenta duas afirmativas contemporâneas: a de que não existe metafísica, e de que nada deve prioritariamente e essencialmente ser. Ele classifica essas duas idéias como dogmáticas. Ou até mesmo como uma outra metafísica.

Que são contrárias à sua metafísica de responsabilidade, já que, para essa, é o ser humano que importa, e a vantagem é a que ela deve prestar contas aos fundamentos metafísicos do dever.

Mas que dever?

Aquele que, para Jonas, é imanente ao existir, já que o compromisso humano, nessa idéia, é o da responsabilidade desse ser. Não um ser que tem como fim uma utopia, um fim perfeito.

Na realidade, o fim é aquele que responde à questão: Por quê?

É um artefato humano, cultural, devendo ser ou não uma tendência prévia, mas a tendência à existência das criações. Não um fim unívoco, oriundo de uma única unidade inicial em um sujeito total metafísico. Mas como “unidades” de agregados discretos da diversidade, resultados da cristalização de um propósito disperso (ou vários), inseparáveis da diferença e da individuação.

Fim é o que está na natureza do ser, das coisas sendo, portanto, seu valor, a obrigação dos seres humanos em concordar com o fim e com os valores da natureza.

Sendo assim, alcançar a finalidade é um bem. O ser, estando envolvido com algo, é melhor que o não-ser. Para Jonas, a auto-afirmação do ser está na finalidade. E quanto mais diversificada ela for, mais enfática a sua afirmação e justificativa.

O modo de ser, devendo ser compreendido como a manutenção do fazer, que pode ser entendida como auto-preservação, a qual não necessita de nenhuma ordem ou convencimento, além da satisfação a ela associada. Portanto, em uma ética para o futuro, a existência humana torna-se o primeiro imperativo.

Para completar a idéia do ser, Jonas distingue duas formas de responsabilidade: a responsabilidade política e a responsabilidade parental.

A primeira é a do homem público, artificial e voluntária, instituída a partir da atribuição e da aceitação de um encargo sendo, portanto fluída, e que pode ser renovada.

A outra é a responsabilidade natural, obrigatória, de pai para com o filho, devido à precariedade e a vulnerabilidade dos seres humanos, principalmente enquanto menores e ao próprio cuidado do criador com sua obra.

O que é comum entre as responsabilidades são os conceitos envolvidos: totalidade, continuidade e futuro. A própria noção de preocupação com a educação total do indivíduo, que inclui comportamento, habilidades, relações, caráter, conhecimento, visa a pura existência da criança, para depois fazer dela o melhor dos seres.

Jonas atenta aqui para o fato no qual a divergência que se faz presente entre as duas está na singularidade da formação na responsabilidade paternal, e na inseparabilidade de uma determinada massa de doutrinação ideológica, contida nos “conteúdos pedagógicos para a capacitação da inserção social”.

A continuidade - imanente à totalidade - se dá pelas questões: “o que vem agora?” “para onde vamos?” Seguida de: “o que veio antes?” “Como o que está agora se relaciona com o passado? O que caracteriza a responsabilidade total do seu procedimento histórico (objeto e sua historicidade)

A inclusão da idéia do futuro no princípio responsabilidade rompe com a totalidade anterior, pois o futuro aqui tem como princípio ser incógnito, cabendo aos humanos hoje serem responsáveis somente pela causalidade anônima da existência protegida.

Aqui, Jonas começa uma longa crítica à utopia e à idéia de fim em Marx, o qual acreditava em um destino já definido.

Em primeiro lugar, quando sustenta que o devir histórico pregado por Marx é bem diferente do devir orgânico, pois acredita que não faz sentido algum falar em infância, maturidade e senilidade do processo histórico.

Em seguida, falar de uma história total com explicação em um passado, por meio de um princípio ininterrupto, a partir daquilo que há de vir a partir do que já foi, ou seja, transformar a verdade da teoria em realidade, não deixando espaço para a espontaneidade, muito menos para a liberdade de escolha, faz menos sentido ainda.

Para Jonas, esse modo de definir a ação política não é mais do que uma combinação da mais colossal das responsabilidades pelo futuro com uma ausência determinista de responsabilidade. É fazer acontecer o que deveria realmente acontecer.

Isso também se dá pela idéia na qual o que é bom para os seres humanos hoje, o será amanhã e sempre. Por isso que, na ética, o princípio responsabilidade sempre ficou em segundo plano em relação aos outros princípios como, por exemplo, a virtude. A melhor preparação para o futuro se encontra na formação virtuosa do presente. Aí também estão as razões para o Estado ter-se convertido em uma instituição moral imanente.

Em um determinado momento, Jonas se intitula um pós-marxista, pois a tomada do poder pela tecnologia (como uma revolução quase que autônoma), fez com que a dinâmica histórica ganhasse novos aspectos, tornando caducas as perspectivas: platônica (da busca da responsabilidade para e pela perfeição), kantiana (da responsabilidade histórica pelo bem supremo), a hegeliana (da autonomização da história, e desta como causa do sujeito, gerando a ausência de responsabilidade) e a marxista (sendo herdeira da idéia reguladora de Kant, já que a responsabilidade deve se dar exatamente com o compromisso para com o que deve acontecer).

Jonas sugere, então, a troca da busca para com a perfeição e com o bem supremo, pela responsabilidade para com as condições de existência.

Uma inversão do “você pode, porque você deve”, de Kant, pela “você deve, porque você age, e você age porque você pode, pois seu poder está em ação”.

Retoma-se, portanto, a questão do ser como dever; como a responsabilidade paternal para com a criança. Não por compaixão, misericórdia, ou qualquer outro sentimento como o amor. Mas porque a simples existência como o ser-no-mundo (ser-aí, ser ôntico, o dasein heideggeriano) contém intrinsecamente um dever para com os outros. A responsabilidade está para com a existência dos seres futuros, e para com a liberda-

de que esses seres tenham de fazer suas escolhas, que possibilitem novas criações artísticas, científicas e filosóficas.

Porém, não podemos confundir na teoria de Jonas, a liberdade para a criação científica, com a fé inabalável no perpétuo progresso da ciência e da técnica. Para ele, o progresso é a Lei obrigatória do devir humano, da qual todos têm de participar.

Mas pode haver algo semelhante ao progresso singular de cada indivíduo, ao coletivo? Existiria algo, como o próprio processo educativo, que valesse para uma construção moral do gênero humano?

A idéia hegemônica, para Jonas, é de que a ciência, como “irmã gêmea” do progresso tem um movimento autônomo que é unívoco, sendo que cada passo é a superação do passo anterior. Sendo assim, a própria dedicação a ela torna-se um bem moral. Não tanto em virtude de seus progressos e resultados, mas devido à sua disciplina.

Concepção que vêm a calhar no mundo ocidental de Estados liberais, os quais, apesar de terem que garantir a segurança de seus indivíduos, também devem conceder o maior espaço possível ao livre jogo das forças.

Reforça a crítica à utopia no encerramento do Livro - seja a ele a utopia marxista da sociedade sem classes, seja a utopia platônica da perfeição. Isso porque os condenados da Terra não têm mais nada a perder, a não ser as próprias correntes da miséria que os aprisionam. O que eles querem é justamente sair dessa situação.

E quem são esses condenados? São os mais pobres do planeta. Jonas argumenta que não há mais tanto uma luta de classes no interior das civilizações ocidentais (já que o próprio operariado dos países hegemônicos acabou adquirindo práticas burguesas, devido às melhorias das condições de trabalho e melhores ganhos), mas sim, entre as nações ricas e pobres.

Uma de suas sugestões era que a produção econômica do então Primeiro Mundo (lembramos que é um trabalho feito nos anos 70, onde vigorava a classificação geopolítica da Guerra Fria) se deslocasse para o Terceiro Mundo, com forma de distribuição da riqueza global, e da diminuição do poderio e consumo nocivo ao planeta realizado pelos países hegemônicos.

Hoje, com a emergência de centenas de milhões de novos consumidores nos antigos países do Terceiro Mundo (China, Índia, Brasil), e a pressão sobre a atmosfera e os recursos naturais do planeta tendo se multiplicado, talvez a idéia da distribuição da riqueza existente não seja tão eficiente para aliviar as problemáticas globais.

Jonas nos convida, portanto, a debater as novas formas de vivência e desenvolvimento desvinculadas do acúmulo e do consumo, responsável para com os seres humanos contemporâneos e futuros.